

MARIA HILDA BAQUEIRO PARAISO

OS BOTOCUDOS DO LESTE NA ÓTICA DOS VIAJANTES DO SÉCULO XIX (1815 – 1820)

XXII Reunião Brasileira de Antropologia.  
Fórum de Pesquisa 4: **“Etnografia Dos  
Relatos De Viagem”**.

Brasília

Julho de 2000

## Os Botocudos do Leste na ótica dos viajantes do século XIX (1815 – 1820)

*Ao europeu, acostumado às entoações variáveis da voz e acompanhadas de viva gesticulação, quando observa esses índios a conversar uns com os outros, com tão pouca acentuação, imóveis e quase sem jogo de músculos da fisionomia, parece que falam em sonho. E não é um sonho soturno a vida toda desses homens, sonho do qual quase jamais acordam ?*

(SPIX, MARTIUS, 1976 , v.1, p. 203-204) <sup>1</sup>

A partir das medidas adotadas pelo governo português no início do século XVIII visando criar mecanismos de controle do acesso e do comércio às minas, uma área da colônia lusitana na América foi transformada em zona-tampão. Isto é, uma zona em que foi proibida a abertura de estradas e caminhos e a instalação de atividades econômicas. Essa área compreendia as terras entre o rio de Contas, na Capitania da Bahia, e o rio Doce, na Capitania do Espírito Santo, englobando, ainda, a totalidade das terras das Capitanias de Ilhéus e Porto Seguro e parte das de Minas Gerais.

Dada à interdição legal à ocupação desses espaços, essa zona transformou-se num refugio para um número significativo de grupos indígenas: os *Kamakã-Mongoió*, os *Gren* ou Botocudos e os vários subgrupos *Maxakali*.

Quando ocorreu a diminuição da produção aurífera, a partir da segunda metade do século XVIII, a crise que se instalou na colônia, agravada pelas dificuldades administrativas e financeiras vividas pela metrópole, motivou a busca de novas alternativas econômicas. A meta estabelecida era a de ampliar a conquista de novas áreas, abrir estradas e facilitar aos empobrecidos colonos e antigos mineradores o acesso a terras e mão-de-obra gratuita.

Como consequência, foram encaminhadas propostas para a efetivação do devassamento da zona-tampão na esperança de ali serem encontrados novos veios auríferos. Esses encaminhamentos eram de autoria de particulares e de administradores metropolitanos, indicando consonância entre as pretensões dos dois segmentos. O fracasso nas pesquisas minerais na região apenas deslocou o projeto de conquista e ocupação para a exploração de madeira e a instalação de agricultores e criadores de gado.

---

\* Doutora em História Social, Professora Adjunto IV do Departamento de Antropologia e do Mestrado em História da Universidade Federal da Bahia

A presença de grandes contingentes indígenas, descritos como selvagens, era apontada como o grande responsável pelo retardamento do avanço da conquista e da efetiva ocupação e exploração das riquezas da zona tampão. Dessa preocupação resultou um conjunto de medidas administrativas, inclusive no campo da política indigenista, voltadas para a superação do problema, destacando-se a decretação de Guerra Justa aos Botocudos no ano de 1808.

Porém, o avanço da conquista fez com que, aos poucos, a imagem do índio feroz e inútil fosse, lentamente, se alterando no imaginário dos colonos, quando estes passavam da condição de conquistadores para a de colonizadores. Estando garantida a terra conquistada, o grande objetivo dos novos ocupantes passava a ser o controle e o uso do trabalho indígena, o que só era possível com a superação do estado de guerra e a implantação de uma política que fixasse o indígena a um pedaço de terra e lhe impusesse um conjunto de comportamentos considerados adequados às novas necessidades.

### **Os fundamentos filosóficos e os interesses comerciais da ótica dos viajantes naturalistas europeus**

Essa nova visão, que, aliás, era bastante tradicional se considerarmos o conjunto das relações interétnicas estabelecidas a partir de 1500 na colônia lusitana, foi veiculada também pelos viajantes e naturalistas que a visitaram entre 1815 e 1820.

A bem da verdade, obras elaboradas por viajantes são comuns a partir dos séculos XV e XVI, estando, nessa época, associadas ao processo de expansão do mundo das trocas e ao desenvolvimento do capital mercantil com os descobrimentos marítimos, conquista e ocupação militar de novos territórios, o estabelecimento de feitorias, o domínio dos conquistados, o início da colonização moderna e a incorporação de todos os povos conhecidos ao mercado mundial.

Ao mesmo tempo, esse tipo de literatura procurava satisfazer a crescente curiosidade dos europeus sobre os novos mundos e que se manifestava nas inquietações científicas e no gosto pelas maravilhas e pelo mistério. Assim, o conhecimento do mundo colonial e dos recursos já explorados ou dos que poderiam vir a sê-lo era uma necessidade operacional para viabilizar os projetos e os mecanismos necessários à expansão e à dominação européia. Outras informações - navegação, condições sócio-econômicas dos povos, potencialidade de aceitação da

---

<sup>1</sup> SPIX, J. B. von, MARTIUS, C. F. P. *Viagem pelo Brasil*. São Paulo : Melhoramentos; Brasília: INL/MEC, 1976.

dominação pelos povos recém-subjugados ou que ainda poderiam vir a ser envolvidos no processo econômico - também eram considerados essenciais.

Essa associação entre a literatura de viagens e os interesses econômicos expressava-se na tendência a uma abordagem objetiva da realidade, através do vivenciamento da situação descrita. A intensificação dos contactos comerciais colocou em cheque os relatos fantasiosos, porém isso não evitou que, até o século XIX, muitas lendas sobre o Novo Mundo continuassem a ser consideradas como verdadeiras. Talvez o fato se devesse a ter a América permanecido como colônia até aquela data e à política das metrópoles em não permitir o pleno conhecimento de seus domínios, como forma de evitar o avanço de estrangeiros.

Entretanto, a partir do século XVIII, a literatura de viagens tornou-se uma das principais fontes de conhecimento histórico e base de reflexões filosóficas dos enciclopedistas. Seus leitores eram, basicamente, os ideólogos ou elementos da burguesia, classe com o maior interesse em conhecer e dominar as leis da sociedade e da natureza, elementos complementares e essenciais a uma economia em expansão.

Na verdade, essa expansão também deve ser associada ao ambiente social europeu, caracterizado como revolucionário - a crise do Antigo Regime, as lutas da burguesia francesa, as guerras napoleônicas, o questionamento da monarquia absolutista -, um dos fatores responsáveis pela retomada do mundo exterior como solução para todos os males através da busca ou ampliação dos mercados consumidores de manufaturados e do número de produtores de matéria-prima e de alimentos baratos.

Para tanto, era preciso redescobrir o Novo Mundo, isto é, estabelecer trocas diretas com as colônias, rompendo as formas monopolistas de comércio - o exclusivo do comércio metropolitano - e estimular o crescimento da produção de mercadorias, bem como promover pesquisas científicas para descobrir novos produtos comercializáveis, o que permitiria uma maior acumulação de capital através da diminuição dos custos de produção. O que se pretendia, portanto, era descobrir novos meios de explorar os mercados ultramarinos e integrá-los na divisão internacional do trabalho.

Logo, a expectativa com relação à obra produzida pelos viajantes naturalistas era de que resultasse do trabalho de alguém capaz de observar tudo aquilo que poderia ser de interesse dos seus leitores (alguns viajantes custeavam as viagens com a editoração e venda dos seus livros) ou das instituições acadêmicas, empresas

particulares ou governos que financiavam o deslocamento na expectativa de poderem avaliar a real potencialidade de cada região em que poderiam investir. Os grandes objetivos eram, portanto, ver, observar fatos novos, ampliar conhecimentos de caráter específico ou geral, acumular conhecimentos de história natural, formar coleções para museus, obter informações práticas de cunho geográfico ou econômico ou veicular informações genéricas ou de caráter aventureiro (OLIVEIRA FILHO, 1986, p. 97-9; 103-4)<sup>2</sup>.

Embora os viajantes do século XIX estivessem profundamente impregnados dessa ideologia, não se pode estabelecer uma vinculação direta entre ambos. Havia aqueles que não podem ser caracterizados como pertencentes à burguesia, como o príncipe Maximiliano Wied-Neuwied e os cientistas Auguste de Saint-Hilaire e Spix e Martius; e outros que não estavam associados diretamente ao processo produtivo e ao comércio, como os artistas, filósofos e cientistas e ainda aqueles que eram originários de países em que o processo produtivo ainda não estava plenamente desenvolvido.

Porém, ao se analisar a obra dos viajantes há que considerar que além dessas preocupações de cunho econômico, os valores iluministas - o avanço da sociedade das luzes e o desaparecimento das sociedades ditas selvagens - explicam o propósito de registrar as várias manifestações dessas sociedades fadadas à extinção, fosse pela expansão da colonização, sinônimo de civilização ou pela morte física dos seus membros. Daí se depreende a íntima vinculação entre as viagens de exploração e conhecimento e os sentimentos e desejos europeus de efetivar a posse ou domínio do mundo selvagem. Essa posse pode ser encarada pelo seu caráter concreto - a expansão do domínio colonial sobre áreas ainda não exploradas - ou simbólico - a apropriação do outro como elemento de auto-reflexão comparativa.

DUCHET (1975, p.25; 97; 110)<sup>3</sup> usa para identificar o profundo laço dos viajantes naturalistas com as idéias iluministas a influência exercida sobre os autores pela publicação da *Encyclopedie*. Anteriormente, os relatos apresentavam um caráter mais romanesco do que objetivo. Após a *Encyclopedie*, a linguagem tornou-se mais objetiva, a observação mais preocupada com os detalhes concretos sobre a cultura das sociedades estudadas e os hábitos das populações inventariadas, visando

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA Filho, João Pacheco. Elementos para uma Sociologia dos Viajantes In: OLIVEIRA FILHO, João Pacheco. (org.). *Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil*. Rio de Janeiro : Ed. Marco Zero, 1986.

<sup>3</sup> DUCHET, Michele. *Antropologia y história en el siglo de las luces* - Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvecio, Diderot. México : Siglo Veintiuno Editores, 1988.

identificar os vários estágios de civilização em que cada uma vivia, pressagiando a formulação mais sistematizada da escola Evolucionista.

Por serem os viajantes, na sua maioria, naturalistas por formação, embora se possa supor interesse ou preocupação humanística complementar, pode-se constatar o tratamento típico dado por esses profissionais na catalogação e ordenamento dos seus dados. Influenciados pelo método de Linneu para as ciências naturais, os trabalhos dos viajantes caracterizam-se pela atitude sistemática de, mediante comparações, construir tipos, classes, gêneros e espécies, através dos quais a realidade era ordenada, tornando-se classificável e compreensível para os leitores e pesquisadores. Este tratamento metodológico aplicava-se igualmente às sociedades humanas

A atitude positivista de ordenamento do mundo não se apresenta, porém, de forma tão clara quando analisavam as sociedades denominadas selvagens. Os valores e as crenças na necessidade e importância da civilização fazem-se presentes nos sentimentos expressos: o horror e a compaixão em relação ao estado e às situações vividas pelos grupos com os quais entravam em contacto. A observação de WIED-NEUWIED (1989, p.334-5)<sup>4</sup> sobre os *Tupinikin* que visitou na Vila de Olivença, na Capitania de Ilhéus, em 1817, é um dos exemplos mais claros desses sentimentos:

*... infelizmente perderam suas características originais [...] os descendentes desses antropófagos nos saudaram com um "adeus" à moda portuguesa. Senti com tristeza quão efêmeras são as coisas deste mundo, que fazendo essas gentes perder seus costumes bárbaros e ferozes, despojou-as também de sua originalidade, fazendo delas lamentáveis seres ambíguos ...*

Esta mistura de sentimentos é mais uma das características do Iluminismo: ao mesmo tempo em que reconheciam e condenavam as violências praticadas contra os autóctones, a crença na inevitabilidade do progresso e na sua vinculação com a felicidade possível e passível de ser alcançada fazia com que considerassem essencial a ação civilizadora - a proposta de transformar os indígenas à imagem e semelhança dos europeus iluminados. Assim, cristalizou-se a condição de sujeito do conhecimento dos europeus e a de objeto do conhecimento daqueles considerados como não portadores da civilização.

A partir dessa ótica, as narrativas de viagens podem ser analisadas como crônicas da colonização, do avanço e decadência dos impérios europeus e das causas

de sucesso e insucesso no empreendimento. Também a identificação dos mecanismos de dominação, subordinação, exploração e reação dos indígenas e escravos pode ser percebida nessas obras. Podemos, então, caracterizar esse conjunto de trabalhos a partir de um projeto de homogeneização cultural, expansão das luzes e seus percalços nos vários pontos do mundo que se quer conhecer. Suas assertivas estão recheadas de receitas que indicam alternativas mais humanas e racionais para a colonização.

Uma das tentativas constantes nas diversas descrições era a de explicar as razões da sobrevivência dessas áreas, ainda não penetradas pelas luzes e pela civilização. Uma delas era a exuberância, o caráter selvagem e inculto dos espaços por serem ocupados e seu isolamento. Daí serem esses temas recorrentes.

Outras explicações relacionam-se à idéia de enriquecimento de uma nação estar profundamente associada à densidade demográfica e à disponibilidade de mão-de-obra que viabilizasse a efetiva ocupação agrícola e a exploração das riquezas naturais, o que fortaleceria o comércio. Encontramos, então, a razão das principais acusações feitas à colonização espanhola e à portuguesa: a destruição da população autóctone das Américas e a perversão que passara a orientar a ação dos colonizadores a partir do momento em que haviam instituído a escravidão como norteadora das relações coloniais.

Apontavam, ainda, a dispersão e o nomadismo dos grupos indígenas como um dos fatores da permanência dessas populações em estado selvagem. Como complemento dessa visão, prega-se não só a necessidade de efetivar-se a apropriação das áreas ainda não ocupadas e também a imposição do sedentarismo às tribos indígenas (DUCHET, 1975, p. 84-99; 179-88).

## **O interesse pelo Brasil: uma colônia promissora**

A presença de viajantes num país e a existência de relatos de viagem pressupõem algumas pré-condições de ordem político-institucional, como estímulos e concessão de autorização da viagem e da publicação dos resultados obtidos. No caso do Brasil, elas foram estabelecidas a partir do início do século XIX, graças ao incentivo do Conde da Barca e do Conde de Linhares, o que indica o interesse do governo português no trabalho desses observadores.

O estreitamento das relações com a Inglaterra permitiu a vinda da primeira leva de ingleses composta, principalmente, por comerciantes, gerentes, médicos e

---

<sup>4</sup> WIED-NEUIWED, Maximiliano. *Viagem ao Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1989.

mineralogistas. Após 1815, com a realização do Congresso de Viena e o estabelecimento de novas alianças entre a Coroa portuguesa e outros governos, facilitou-se a presença de viajantes de outras nacionalidades: alemães, franceses, russos, austríacos e italianos.<sup>5</sup>

As áreas e o roteiro escolhidos pelos viajantes variavam de acordo com o interesse específico do autor por determinado tema, que poderia ser melhor observado numa determinada região, e com a gama de conhecimentos que podia obter previamente através de livros, artigos, jornais, palestras ou cartas de compatriotas ou correspondentes do país que queriam visitar. Assim, na primeira metade do século XIX, uma das regiões mais visitadas no Brasil foi o território que abrigava os Botocudos: sul da Bahia, norte do Espírito Santo e nordeste de Minas Gerais. As razões dessa preferência estão expressas por CUNHA (1992, p.8)<sup>6</sup>: “Nesse século de grandes explorações, o Botocudo não é o único índio que interessa à ciência, mas, é sem dúvida, o seu paradigma. O que os *tupi-guarani* são à nacionalidade, os Botocudos são à ciência”.

Para compreender a razão do interesse dos viajantes pelo Brasil há que considerar o contexto da crise vivida pelos países europeus, particularmente após as guerras napoleônicas, quando a colônia lusitana passou a despontar na Europa como um dos domínios mais atrativos para estudo e posteriores investimentos, porque, como Saint-Hilaire dizia, eram raras as colônias que ofereciam tantos recursos naturais e que estariam destinadas a representar papel político relevante no mundo.

O interesse pelo Brasil não se devia apenas ao fato deste estar vivendo um *boom* econômico - açúcar e algodão -, mas ao caráter de excepcionalidade política decorrente da transferência da corte, de viver o limite do modelo colonial e, posteriormente, por tornar-se o único país da América a não se tornar uma república.

A excepcionalidade também podia ser identificada no fato de o período compreendido entre 1808 e 1822 caracterizar-se por um modelo inusitado de dominação colonial: a metrópole era a intermediária monopolista entre os produtores coloniais e o mercado internacional e as duas administrações estavam fundidas territorialmente. Era também um momento em que as contradições do sistema colonial estavam mais agudizadas, e o conflito entre a classe mercantil portuguesa e a dos livres cambistas ingleses encontravam seu ponto máximo, constituindo a presença de

---

<sup>5</sup> A publicação, mesmo parcial, dos relatos dos viajantes só ocorreu após o Segundo Império, graças à intervenção dos sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

<sup>6</sup> CUNHA, Maria Manuela C. da. CUNHA, M<sup>a</sup>. M. C. da. *Legislação indigenista no século XIX*. São Paulo: Edusp/CPISP, 1992. p.8.



viajantes ou observadores dessa nacionalidade a esperança inglesa de poder estabelecer o livre comércio entre o Brasil e a Inglaterra (MENDES, 1981, p. 1-34).<sup>7</sup>

Com relação à sociedade colonial como um todo, os viajantes preocupavam-se com apontar as transformações vividas, o que também interessava aos administradores reais, e indicar, na nova trajetória, os acertos, os equívocos e as carências que dificultavam o progresso, tanto em termos da ausência de obras de infra-estrutura e de conhecimento do potencial de produtos que poderiam ser explorados, como do que definiam como vícios administrativos, que emperravam o livre comércio e a ampliação dos mercados consumidor e produtor.

Nessa linha de raciocínio, suas críticas voltavam-se, predominantemente, para o que definiam como formas despóticas de exercício do poder pelo governo, a ineficiência administrativa, a venalidade da justiça e uma organização militar que consideravam precária e carente de disciplina e armamentos. Essas deficiências estavam diretamente vinculadas à política econômica adotada, que consideravam inadequada e desestimulante para o produtor, à organização do processo produtivo e à forma de exploração do solo e dos minerais, responsabilizada pelo rápido esgotamento do solo. Enfim, a predominância de áreas de fronteira com relações econômicas primitivas, irracionais e predatórias.

Ao analisarem as relações sociais predominantes, criticavam a política do Estado com relação aos índios, que afirmavam ser uma forma simulada de escravização e extermínio, inadequada para os projetos de ampliação dos mercados e do livre comércio, por excluí-los das teias das relações de produção e de consumo. Nesse mesmo sentido, também consideravam abusivo o poder absoluto dos senhores com relação a seus escravos e dependentes e pouco produtivo o modo de vida dos escravocratas e dos pequenos produtores.

Na sua avaliação, os moradores do Brasil eram preguiçosos, negligentes e imprevidentes, não se distinguindo dos índios no tocante a essas qualificações. Tais características eram relacionadas indiretamente com a educação das mulheres e crianças, principalmente das classes dominantes, que consideravam como precária e inadequada.

Sua visão acerca do Brasil era a de uma sociedade em formação, num espaço habitado por moradores semicivilizados devido ao baixo grau de cultura e vivendo num estágio de desenvolvimento inferior ao da Europa, devido ao domínio metropolitano e

---

<sup>7</sup> MENDES, Elizabeth de C. *Os viajantes no Brasil: 1808-1822*. São Paulo : FFLCH, Universidade de São Paulo, 1981. (Dissertação, Mestrado em História Social).

seu desinteresse em promover a produção mercantil. Mas acreditavam que a sociedade brasileira reunia as condições materiais e humanas necessárias para atingir, no futuro, o grau de civilização alcançado pela Europa. Para tanto, seria apenas necessária a superação dos obstáculos existentes, heranças coloniais, elementos que se propunham a identificar para que se viesse a efetivar o livre comércio e a ampliação dos mercados. Também consideravam como contribuição que poderiam prestar apontar o estágio de desenvolvimento da sociedade no Brasil e se este continha os germes que iriam permitir sua transformação e a análise de seu potencial econômico e humano.

### **Índios e Ciência: os Botocudos em pauta**

Para melhor compreender suas análises das populações indígenas há que considera os cânones e interesses científicos dominantes no fim do século XVIII e início do XIX. E, talvez um dos mais relevantes seja a formação de coleções craniológicas, hábito que se transformou em mania no meio acadêmico do século XIX. Nesse contexto, foram criados os primeiros museus com objetivos didáticos, que se diferenciavam dos antigos *Gabinetes de Curiosidades*. Os crânios dos índios brasileiros tornaram-se preciosidades que enriqueciam vários acervos museológicos

Os *Gabinetes de Curiosidades* estão associados à Renascença e à expansão colonial européia, período em que se procurava emoldurar o mundo através de pequenos objetos e obras de arte, num reflexo da analogia entre macro e microcosmos, onde o maior se espelhava no minúsculo. O mundo estava simbolizado em peças anatômicas, naturalias, pedras preciosas e objetos etnográficos nem sempre de origem conhecida. Estudiosos eram enviados em viagens arriscadas para formar as coleções que satisfaziam à vaidade e à curiosidade da nobreza, e que, no caso do Brasil, significou a criação de um fluxo de circulação de objetos e índios vivos para a Europa, particularmente França, Holanda, Espanha e Itália.

Já no fim do século XVIII, a exposição em feiras públicas de mortos, vivos, figuras de cera, objetos eróticos e cenas desmontáveis de assassinatos, crimes e enforcamentos eram comuns. Nesse contexto, os “representantes das diversas raças do mundo” também eram objeto de interesse e não se pode afirmar que havia qualquer preocupação com a verdade etnográfica, mas apenas com o exótico e horripilante.

Vem também desse período a preocupação em transformar essa paixão colecionadora em atividade mais sistemática e intensiva, o que vai estar

correlacionado com o surgimento dos primeiros Museus Naturais. Neles, era comum haver homens de outros continentes empalhados e expostos em posturas teatrais, sendo que a maioria fora servo de algum nobre.

Com os anos, as coleções adotaram um caráter mais científico e passaram a reunir materiais mais especializados. As Faculdades de Medicina e particulares, principalmente médicos, passaram a formar acervos para fins didáticos e estudos. Um dos primeiros colecionadores a conseguir destaque pela sua coleção de crânios originários de várias partes do mundo foi o médico holandês Peiter Camper (1722-1789). Outros se destacaram por outras temáticas especializadas.<sup>8</sup> Porém, com relação ao Brasil, o colecionador de crânios e esqueletos que manteve relações contratuais com os viajantes foi o anatomista alemão Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840)<sup>9</sup>, o responsável pela primeira classificação racial dos vários grupamentos humanos.

Outro colecionador e naturalista alemão que se relaciona com as coleções formadas no Brasil foi Alexander Humboldt (1769-1859). Apesar de nunca ter estado na América, os estudos de Humboldt tiveram forte influência nas análises sobre o Brasil e a América. Sua obra é, na realidade, a compilação dos trabalhos de vários viajantes e passou a ser para outros autores o ponto de referência e informação.<sup>10</sup>

E um dos grupos sobre os quais havia maior interesse era o dos Botocudos<sup>11</sup>, que era analisado a partir das descrições feitas pelos viajantes, dos crânios e esqueletos que destinavam ao anatomista e dos índios vivos que eram levados como

---

<sup>8</sup> A partir de 1851, quando ocorreu a Exposição Universal de Londres, os eventos que procuravam satisfazer à curiosidade do público acerca do mundo tornaram-se comuns, refletindo a preocupação com a busca de riquezas naturais nos vários continentes e com as preocupações do colonialismo moderno e suas ideologias raciais, justificadoras do processo de dominação e exploração do mundo. Foi nesse contexto que surgiram os Museus Etnográficos. Seus acervos se constituíam de despojos e tesouros saqueados em investidas de cunho militar e expedições científicas. Eram, também, formas de estimular a migração de colonos europeus empobrecidos para as regiões equatoriais, oferecendo-lhes a suposta confiança de conhecerem os locais para os quais viriam a se deslocar. Essas coleções procuravam suprir as necessidades de estudo dos cientistas, sem que tivessem que se deslocar pelo mundo para identificar as raízes da humanidade e as leis que fundamentaram os traços dos caracteres nacionais. As peças colecionadas eram vistas como parte de um grande quebra-cabeça a ser montado.

<sup>9</sup> Era anatomista famoso e catedrático da Universidade de Gottingen, na Alemanha, onde desenvolveu um importante núcleo de pesquisas sobre informações vindas dos trópicos. Os alunos e professores se dedicaram a coletar e a sistematizar o material coletado, inclusive através de questionários que enviavam para seus alunos viajantes espalhados pelo mundo e que deveriam priorizar temas considerados fundamentais para a ciência naquele momento. Mais do que sua biografia, impressiona a quantidade de alunos famosos que teve: Humboldt, Friedrich Wilhelm Ludwig Varnhagen, pai de Francisco Adolfo Varnhagen, Eschwege, Freyreys, Wied-Neuwied, Langsdorff.

<sup>10</sup> No entanto, incentivou e protegeu outros interessados em vir à América, como Rugendas, Wied-Neuwied, Avé-Lallemant, Tschudi, Burmeister e o príncipe Adalberto da Prússia. Quase todos eles fizeram referências elogiosas e apresentaram agradecimentos a Humboldt em suas obras.

<sup>11</sup> A insistência de Blumenbach em ter um verdadeiro crânio Botocudo terminou por ser atendida por um dos seus alunos, o Príncipe Maximiliano von Wied-Neuwied.

servos para a Europa por alguns viajantes ou enviados para estudo pelo Conde da Barca.<sup>12</sup> O crânio levado pelo Príncipe Wied-Neuwied iniciou, de certa forma, uma corrida macabra por cabeças de índios brasileiros.<sup>13</sup>

Na mesma época, surgiu um mercado negro de ossos de índios na Bahia, onde os colecionadores estrangeiros tentavam comprar essas preciosidades ou curiosidades. Outros viajantes preferiam saquear túmulos, sem que as autoridades locais adotassem providências. Isso permitiu que grande quantidade de ossos e crânios fosse levada para a Europa por naturalistas famosos como Wied-Neuwied, Eschwege, Sellow, Freyress, Spix e Martius, Saint-Hilaire, Tschudi, Hartt e Ehrenreich.<sup>14</sup>

Também vários índios, foram levados por alguns desses viajantes e seus destinos na Europa foram, no mínimo, desalentadores. O Príncipe Maximiliano von Wied-Neuwied, por exemplo, levou o botocudo Quek, que foi seu criado, ajudante de caça, tradutor da língua de seu povo e, possivelmente, amante. Ele chegou ao palácio de Wied em 1818, um ano depois do Príncipe. Era exibido aos visitantes numa sala especial, onde podia praticar arco e flecha e estava à disposição dos que o quisessem observar e questionar. O índio faleceu sob a influência do álcool em 1832 enquanto Wied se encontrava numa viagem à América do Norte. A *causa mortis* foi uma pneumonia que adquirira após ter caído embriagado de uma das janelas do palácio. Sua cabeça foi doada a Seção Anatômica da Universidade de Bonn, onde foi estudada e depois incluída no acervo de crânios.

Spix e Martius também não resistiram à idéia de levar índios brasileiros, cujo destino trágico tentou ser abafado. Segundo relatos, os cientistas europeus teriam promovido um verdadeiro leilão de ofertas para os viajantes que lhes trouxessem um grupo vivo de *Puri*. Esses índios teriam sido obtidos através de uma emboscada, na

<sup>12</sup> O Conde da Barca (1754-1817), Ministro de Estado dos Negócios da Marinha a partir de 1814, era um intelectual que mantinha correspondência com Herder e Goethe, na Alemanha, com Humbolt, na França e intermediara a vinda da Comitativa Artística Francesa.

<sup>13</sup> Esse crânio foi objeto de estudos e avaliações que levaram até a considerá-lo como um exemplo patológico ou curiosidade anatômica por Paul Ehrenreich em 1887. Até na segunda metade do século, essa prática persistia, havendo, até mesmo, uma acusação a Teófilo Ottoni de ter vendido a um representante do Museu de Paris dezesseis crânios de índios *Jiporok* com os quais teria entrado em combate.

<sup>14</sup> Uma versão brasileira desses esforços foi comandada por Gonçalves Dias em 1858 e ficou conhecida como a Comissão Científica do Norte, ou, sarcasticamente, *Comissão das Borboletas*. Esta percorreu o Ceará, Maranhão e Paraíba e objetivava a criação da Seção Etnográfica e de Narrativa de Viagem. Obteve resultados decepcionantes, mas foram enviados preparados botânicos, artefatos populares e crânios indígenas exibidos nos Museus da capital. O próprio Imperador levou alguns crânios para instituições científicas européias, sendo que a Sociedade Antropológica, Etnológica e Pré-histórica de Berlim foi a maior beneficiada com quatro crânios, por ser o D. Pedro sócio dessa instituição. No final do século, a coleção de crânios na Europa era tão significativa, que permitia

qual teriam morrido vinte deles e sido aprisionados dez ou onze, predominando mulheres e crianças. Os cientistas levaram oito ou dez *Puri*, os quais, sem a necessária aclimatação às baixas temperaturas de Munique, terminaram por adoecer e logo morrer de pneumonia.

Johann Emanuel Pohl foi outro a apresentar um casal de Botocudos em Viena - João e Francisca - que reconheceram Wied, quando este visitou o navio em que chegaram à Áustria. Os índios, segundo a versão do viajante, haviam-lhe sido dados por Julião Fernandes Leão, Comandante da 7ª Divisão Militar de Minas Gerais, dentre os cinquenta que levava à capital para provar ao Imperador a avançada civilização desses índios. Das mãos de Pohl, o casal de Botocudos passou às do obscuro empresário Capitão Hadlok que os exibiu em feiras públicas e Mostras de Panorama, juntamente com uma cabeça coberta de tatuagens de um neozelandês que pertencera à sua tropa. Após dois anos de excursão, Francisca faleceu e João retornou ao Brasil (RIEDL, 1996, p. 16-7).<sup>15</sup>

Além dos estudos anatômicos, os Botocudos do Leste foram analisados por seus aspectos psicológicos, econômicos e sociais. Wied-Neuwied destaca-se dentre os demais viajantes pela riqueza de seus dados. Visitou-os entre os anos de 1816-1817, localizando-os entre os paralelos 15º e 19º 5" de latitude sul, entre as bacias do Pardo e Doce e seus afluentes nascidos em Minas Gerais. Perto da costa dividiam o território com os *Maxakali* e *Pataxó*. A W, seu limite era a povoação de São José da Barra Longa.<sup>16</sup> Essa afirmativa é incorreta, ainda que compreensível, porque o Príncipe não esteve na região e usou informações de pessoas que continuavam a chamar os *Puri* de Botocudos, prática comum a partir de 1808 para garantirem os benefícios legais estabelecidos pelas Cartas Régias de 1808 que haviam decretado Guerra Justa aos Botocudos. O príncipe explica a localização do grupo como resultado de terem recuado do litoral e do norte devido aos conflitos com outros grupos indígenas e depois com os colonos. (WIED-NEUWIED, 1989, p. 284-329).

As opiniões dos viajantes sobre esses indígenas eram bastante negativas. WIED-NEUWIED (1989, p. 284), por exemplo, diz que os nomes Botocudo e Aimorés provocava "sentimentos de horror e repulsa {nos europeus} em virtude da crença de serem antropófagos".

---

estudos comparativos de toda a ordem, embora se fizessem restrições à pobreza dos estudos realizados até então.

<sup>15</sup> RIEDL, Titus. *De Índios, crânios e seus "colecionadores" dados sobre o exotismo e a trajetória da antropologia no Brasil do século XIX*. Salvador, dat. 1996, p. 1-25.

<sup>16</sup> Localizada na foz do Piranga na margem direita do rio Doce, atual cidade de Barra Longa, em Minas Gerais.

Já DENIS (1980, p. 221),<sup>17</sup> que baseou seu trabalho nas informações de Wied-Neuwied, dizia que, ao se chegar às margens dos rios que os Botocudos habitavam, o pensamento de todos se dirigia para os *endgereeeung*<sup>18</sup>, os índios mais selvagens dessa região. O estado de selvajaria que lhes era atribuído, na sua opinião, não decorria da qualidade do solo que ocupavam nem do rigor do clima, mas sim fato de serem *Tapuia*<sup>19</sup>, guerreiros, originários de povo nômade, tendo como única indústria a confecção do arco e das flechas.

Todos os viajantes os consideravam como seres inferiores aos civilizados. WIED-NEUWIED (1989, p. 292), dizia que possuíam suas "...faculdades intelectuais dominadas pela sensualidade mais grosseira, o que não impede que sejam às vezes capazes de julgamento sensato e até de uma certa agudeza de espírito ..." SPIX, MARTIUS (1976, v.2, p. 40), concluíam que o Botocudo: "...arraigado ao presente, quase nunca eleva o olhar para o firmamento", o que deve ser interpretado como se fossem seres comparáveis aos animais, sem qualquer forma de raciocínio abstrato ou crença espiritual. Aliás, SPIX, MARTIUS (1976, v.2, p. 48), foram bastante radicais ao exprimirem seu sentimento de horror ao se depararem, pela primeira vez, com um grupo de Botocudos no trecho mineiro do rio Jequitinhonha:

*... era de horror a nossa impressão, à vista destes homens, que, na sua aparência feia, quase não tem traços de humanidade. indolência, embotamento e rudeza animal, estampavam-se-lhes nos rostos quadrangulares, achatados, nos olhos pequenos esquivos; voracidade, preguiça e grosseria, patenteiam-se nos lábios inchados, na barriga, assim como em todo o torso truncado e no andar de passos curtos. O mais revoltante aspecto, porém, foi o de uma mulher, a qual tinha os braços, pernas e seios cobertos de feridas sangrentas e inchadas e andava vacilante atrás da horda ...*

Na concepção desses viajantes, o temperamento dos Botocudos ainda não se desenvolvera, fazendo com que potências da alma estivessem entorpecidas,

---

<sup>17</sup> DENIS, Ferdinand. *Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

<sup>18</sup> *Endgereeeung* ou *engerekremung*, palavra na língua Borun, falada pelos grupos Botocudos e que significa aquele que partiu, que se foi. Esta era a forma como *Quek* ou *Quak*, índio que acompanhou Wied-Neuwied à Alemanha, se definia. O príncipe confundiu a auto-definição pessoal de *Quek* com a da tribo. A partir da publicação do seu trabalho, esse equívoco passou a ser reproduzido por todos os seus leitores, tornando-se o termo *engerekeremung* conhecido como sendo a autodenominação dos Botocudos.

<sup>19</sup> Pode-se observar, nessa oposição tradicional entre *Tupis* e *Tapuias*, que os viajantes conheciam a literatura dos cronistas seiscentistas portugueses e que essa oposição ainda perdurava no imaginário popular no início do século XIX.

tornando-os incapazes de refletir sobre a criação universal, sobre as causas e a relação entre as coisas e imprevidentes por não distinguirem passado do futuro.

Wied-Neuwied também os considerava como equivalentes aos animais e procurava confirmar sua opinião ao afirmar que os *kurukas*<sup>20</sup>, criados pelos portugueses, não apreendiam o que lhes era ensinado, sendo, apenas, meros imitadores dos gestos de seus amos e de forma tão engraçada que provocavam o riso. Na sua opinião, essas crianças apenas aprenderiam a cantar e a dançar com facilidade, porém, não possuiriam qualquer princípio moral ou freio social, o que os tornaria comparáveis a onças nas matas. SPIX, MARTIUS (1976, v.2, p. 48), compartilhavam a mesma opinião, assim como DENIS (1980, p. 221):

*... A primeira vez que vi um Botocudo, em sua sombria indolência, num repouso estúpido, que parece excluir toda a faculdade de pensar, não pude abster-me de fazer uma comparação singular, e não foi sem algum espanto que contemplei aquele ser que era preciso reconhecer como pertencente à espécie humana, que tinha quase todos os costumes de uma fera fulva...*

Visando confirmar que eram dominados pelo sensualismo, WIED-NEUWIED (1989, p. 292), diz que possuíam ímpetos irreprimíveis de paixão - vingança e inveja sendo os principais -, quando se tornariam temíveis e imprevisíveis. Sua vingança era tida como ameaçadora, embora considere que “...é uma felicidade que nunca restituam muito mais do que aquilo que receberam”.

Para comprovar sua afirmativa, narra episódios conflituosos envolvendo índios. O primeiro ocorrera nas matas do Jequitinhonha, onde um soldado, com quem os índios haviam ido caçar, negou-se a ceder uma faca solicitada e, ao fazer um gesto que indicava que iria atacá-los, foi morto pelos índios. Outro conflito envolvera um oficial subalterno do Quartel dos Arcos, no trecho baiano do rio Jequitinhonha. O oficial teria ofendido um Capitão, o que motivou uma aliança temporária entre vários grupos para combater o Destacamento e que só após muitas negociações restabeleceram-se relações pacíficas. Outro relato é o de um chefe indígena que teria matado sua mulher por ciúmes de sua beleza e inteligência.

Ao mesmo tempo, o Príncipe demonstrando a dualidade de pensamento acerca dessas populações, não deixava de reconhecer que muitas dessas atitudes resultavam de uma provocação ou agressão recebida, pois, quando eram tratados com

---

<sup>20</sup> Palavra na língua *Borun*, significando crianças. No século XIX e nessa região o termo era usado para as crianças indígenas mantidas como escravas pelos colonos.

benevolência, tendiam a corresponder com demonstrações de bondade, fidelidade e dedicação, não se esquecendo com facilidade do bom tratamento que recebem “como é regra acontecer entre os povos cuja natureza não foi ainda corrompida” (p. 293).

SPIX, MARTIUS (1976, v.2, p. 48) , no entanto, não concordavam com essa opinião acerca da capacidade de os índios sentirem afeto, pois consideravam que eram incapazes de ter deferência ou gratidão. Descrevia-os como taciturnos e dóceis, quando serviam os brancos, e apaixonados por bebidas fortes e embriagantes, o que é, na verdade, uma boa descrição dos efeitos do contacto sobre as populações indígenas e não uma característica da sua personalidade, como imaginavam os autores. Aliás, outros também se referem à apatia dos Botocudos. Para WIED-NEUWIED (1989, p. 292), apenas a fome os estimulava a sair de suas casas e DENIS, (1980, p. 221) acreditava que, apenas quando eram dominados pela paixão, recuperavam um lampejo de sua dignidade humana.

SPIX, MARTIUS (1976, v.2, p. 48), confirmando esse quadro de apatia e desinteresse, reproduzem a opinião dominante de que “... o índio, como dizem os colonos, nasceu para ser mandado...” e a razão principal seria porque “... não ambicionavam coisa alguma além do que diz respeito às necessidades do estômago ...”

DENIS (1980, p. 221), destacava sua resistência física - não gostavam de se proteger das intempéries - e coragem :

*... Este ser miserável, que se persegue até em seus desertos, sabe defender-se com coragem. Pode morrer, mas conhece os meios de manter sua vida precária, porque em lhe faltando a caça, os bosques não lhe oferecendo mais frutos, sofre cruelmente com a fome...*

SEIDER (1980, p. 142-3),<sup>21</sup>, como os demais, descrevia-os como de aspecto “medonho e agravado pelos grandes discos de madeira que metem nas orelhas e nos lábios” e por suas pinturas corporais. Considerava-os, ainda, traiçoeiros e incapazes de cumprir os acordos estabelecidos, fazendo com que aqueles que neles confiavam terminassem por ser abatidos.

DENIS (1980, p. 23 -50) buscava a explicação para a fereza dos Botocudos na história da ocupação do território brasileiro pelos *Tupi* e *Tapuias*. Na sua concepção, os dois grupos pertenciam a raças distintas e as aparentes semelhanças seriam o

---

<sup>21</sup> SEIDER, Carl. *Dez anos no Brasil*. São Paulo: Edusp; Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.



resultado de terem sido dominadas por uma raça autóctone extinta, da qual não mais se encontravam os vestígios.

No caso específico dos *Tapuias*, considerados como menos capazes que os *Tupi*, foram associados a outras duas raças vistas como inferiores e menos civilizadas: os mongóis e os bascos. Já os *Tupi* são vistos como descendentes de caucasianos, como os europeus, ainda que seja feita a ressalva de serem raças menos nobres, pois não era concebível que, nem mesmo quanto à origem, os *Tupi* se igualassem aos europeus.

Usando informações de antigos cronistas, como Simão de Vasconcelos<sup>22</sup> e um documento não identificado de autoria de Francisco da Cunha que encontrara na Biblioteca Real de Lisboa, afirmava que os *Tupi* teriam se instalado, inicialmente, em Cabo Frio, no Rio de Janeiro. O conflito entre duas mulheres teria provocado a cisão do grupo e o início da desunião e das migrações. Em 1500, segundo seus cálculos, haveria dezesseis tribos *Tupi* ocupando o litoral. Os *Tupinambá*, que ocupavam o Recôncavo baiano, teriam estabelecido uma guerra geral aos *Tapuia*, que ali viviam, expulsando-os para as matas interiores. Estes eram descritos como uma raça mais selvagem e desafortunada e, segundo Denis, estariam divididos em setenta e seis tribos, que só se alimentavam de carne. DENIS (1980, p. 221-29).

WIED-NEUWIED (1989, p. 283-4), usou a obra de ROBERT SOUTHEY (1977) para tratar o histórico das relações entre os Botocudos e demais índios e com os colonizadores. Também concordava que esse grupo fora expulso do litoral pelos *Tupi* e pelos conflitos estabelecidos com os colonos na região das Capitanias de Ilhéus e de Porto Seguro. Ele é o primeiro viajante a afirmar categoricamente que os Botocudos eram descendentes dos antigos Aimorés e que ainda eram conhecidos por Gren ou Geren, como os que viviam no rio Itaípe, em Ilhéus.

DENIS (1980, p. 221-37), que se baseou em Wied-Neuwied e nos autores já referidos, descreve os Aimorés reproduzindo a descrição comum no século XVI: selvagens, portadores de armas de tamanho extraordinário, nômades, robustos, sem agricultura, comedores de caças cruas, vivendo de pilhagens e da prática da antropofagia. Numa alusão ao referido caráter traiçoeiro, eram acusados de não combaterem face a face, só atacando de tocaia. Por todas essas razões, os Aimorés teriam sido considerados como o terror dos moradores do litoral de Ilhéus e de Porto Seguro, razão de terem abandonado suas propriedades. Na sua concepção, as avaliações feitas nos quinhentos ainda eram válidas, porque, até o século XIX, os

---

<sup>22</sup> VASCONCELOS, S de. *Crônica da Companhia de Jesus no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1977: 494.

Botocudos haviam sabido defender sua liberdade, mas sem que tivessem feito qualquer progresso em termos de civilização.

SAINT-HILAIRE (1974, p. 153-9),<sup>23</sup> preocupou-se principalmente em avaliar a situação vivida pelos índios no momento em que os visitou, procurando explicações para o que observava na política aplicada aos índios pelos *portugueses* desde o descobrimento.

Avaliando os índios do litoral, referia-se a eles como “... tristes restos de uma civilização que em breve terá desaparecido com a infeliz raça a que pertence ...” E explicava sua destruição pelo fato de os portugueses, quando do descobrimento do Brasil, não considerarem os índios como seres humanos, devido a suas diferenças quanto à cor da pele, cabelos, conjunto fisionômico, por viverem nus, nas matas, sem leis e sem religião e porque fé. Percebendo a “inferioridade dos indígenas”, os portugueses os colocaram ao serviço de seus interesses, desrespeitando as leis metropolitanas, que procuravam restringir os casos de escravidão.

Apesar de reconhecer a existência de leis protetoras, SAINT-HILAIRE (1974, p. 77-99) alegava que a cobiça, o descaso e a incompetência administrativa fizeram com que a exploração e a prática de violências fossem constantes. A única exceção seria o trabalho dos missionários que fizera com que os grupos indígenas assistidos superassem seu estado de inferioridade, permitindo-lhes abandonar “seus bárbaros costumes”, tornando-se, em dois séculos, “homens úteis e felizes”.

Por isso, compara a decisão de Pombal de expulsar os missionários a uma tempestade e que só podia ser explicada pelo desconhecimento do Ministro da boa atuação dos padres. A consequência dessa atitude fora a de os índios terem sido entregues a diretores que, de acordo com o que a legislação previa, deveriam garantir a liberdade, a felicidade e o bem estar dos seus tutelados, o que nunca ocorreria.

Para os europeus, que desconheciam a realidade indígena, essas determinações pareciam perfeitas, porém, na sua opinião de conhecedor, Pombal partira de princípios falsos - como o de acreditar que os índios eram susceptíveis da mesma civilização que os brancos - , criando determinações “absurdas, contraditórias e inaplicáveis”. Erro, aliás repetido pelos administradores posteriores a Pombal, fazendo com que a situação vivida pelos índios não melhorasse em nada. Também os Diretores indicados não correspondiam às expectativas dos legisladores e eram definidos por SAINT-HILAIRE (1974, p. 77-99) como homens

---

<sup>23</sup> SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1974.

*... imorais, ambiciosos, freqüentemente já punidos judicialmente, tornaram-se temíveis déspotas; os portugueses que se misturaram aos índios tiranizaram e corromperam o pobre íncola; então as aldeias caíram em ruínas e os indígenas do Brasil retrogaram á barbaria...*

A opinião de SAINT-HILAIRE (1974, p. 154) sobre a inferioridade dos índios é clara:

*... Os índios, homens como nós, tendo conosco uma origem comum, são igualmente animados do sopro divino; mas parece-me incontestável que a imprevidência prende-se ás diferenças de forma que a raça apresenta, como o mesmo defeito se prende à organização ainda imperfeita da infância, donde o idiotismo e deformidade dos cretinos da Suíça e de Savóia ...*

Na tentativa de classificar os grupos indígenas com os quais trabalhavam, os naturalistas também se preocuparam em identificar e explicar as denominações que recebiam os vários grupos indígenas. WIED-NEUWIED (1989, p. 284), atesta que a denominação Botocudos decorria do uso dos botoques. Seguindo informações de Quek, afirma que se autodenominavam “*engereckmung*” e não gostavam de ser chamados de Botocudos. DENIS (1980, p. 225) acrescenta a informação, segundo ele baseada em conversas com Saint-Hilaire, sobre outras formas de autodenominação: *Krekmun* ou *Krakmun*. É o único autor que indica a existência de subgrupos entre os Botocudos, indicando os *Pejuarum* e, equivocadamente, os *Naknenuk*<sup>24</sup>.

Outro aspecto descrito era a organização econômica dos Botocudos, tema caro aos viajantes considerando-se sua preocupação com as questões relativas aos mercados produtores e consumidores. Fazendo uma releitura atualizada dos dados fornecidos, afirma-se que os Botocudos pertencem ao grupo lingüístico Macro-Jê (RODRIGUES, 1986, p. 49),<sup>25</sup> sendo predominantemente caçadores e coletores seminômades, com uma organização social que se caracterizava pelo constante fracionamento do grupo, pela divisão sexual do trabalho e por um sistema religioso

<sup>24</sup> Apesar da palavra ser da língua *Borun*, o termo era aplicado aos grupos que aceitavam o domínio dos colonizadores e se aldeavam, passando a se constituir em mão-de-obra usada por particulares e pelo Estado. Os vários subgrupos *Maxakali*, que, diferentemente dos Botocudos adotaram como estratégia de sobrevivência a aceitação do contacto e do aldeamento compulsório, compunham a maioria dos grupos denominados de *Naknenuk*.

<sup>25</sup> RODRIGUES, A. dall'Ígna. *Línguas brasileiras para o conhecimento das línguas indígenas*. Campinas: Edunicamp; São Paulo: Loyola, 1986.

centrado na figura dos espíritos encantados de seus mortos - os *Nanitiong* (MANIZER, 1919, p. 253).<sup>26</sup>

Sua organização econômica baseava-se na caça e pesca - atividades tipicamente masculinas - e na coleta, que era exercida pelas mulheres. DENIS (1980, p. 32-4), era de opinião que a natureza tropical era pródiga com os índios, oferecendo-lhes alimentos que não exigiam grandes esforços para serem obtidos ou consumidos. Com relação a essa afirmativa, há que considerar dois aspectos fundamentais. Inicialmente deve-se destacar que Denis desconhecia as dificuldades inerentes a essas atividades, inclusive a necessidade de constantes deslocamentos do grupo em busca de alimento, o que se acentuou de forma dramática a partir do momento em que seus territórios foram invadidos por outros caçadores e coletores em fuga e por colonos para exercerem as mesmas atividades ou para implantar a agricultura, a pecuária ou o extrativismo vegetal ou mineral nas terras de onde obtinham alimento. Outro aspecto a considerar é a supervalorização eurocêntrica das atividades consideradas como civilizadas: a agricultura<sup>27</sup> ou a criação de animais, fazendo com que as atividades de caça e coleta fossem desvalorizadas e consideradas como não resultantes do trabalho, que era associado ao que definiam como atividades rotineiras, resultantes da capacidade de ser providente. Essa qualidade, aliás, foi sempre negada aos índios brasileiros, como decorrência da incapacidade de os colonos entenderem e aceitarem a lógica interna e própria dessas sociedades.

No período analisado, entretanto, a caça era a atividade mais importante na vida econômica do grupo. Sua prática exigia constante circulação dos homens em busca dos animais a serem abatidos. A caça e a pesca eram as atividades que garantiam o suprimento de proteína animal.

O equilíbrio alimentar era garantido pela coleta vegetal, atividade predominantemente feminina, o que também se refletia no equilíbrio das relações entre homens e mulheres, já que a satisfação plena das necessidades alimentares só poderia ser suprida por um casal.

Este dado só é irrelevante na aparência, pois permite compreender como o seqüestro de mulheres pelos colonos teve efeitos tão desastrosos no sistema produtivo desses índios e entender porque vários grupos, como os *Maxakali* no

---

<sup>26</sup> MANIZER, H. Les Botocudos. *RAMN*, Rio de Janeiro., v.22, p. 243-73, 1919.

<sup>27</sup> Com relação à prática da agricultura, não há consenso sobre se a praticavam ou não. Há a hipótese de que, antes de serem pressionados pelos *Tupi* no litoral e posteriormente pelos colonos, teriam-na praticado. A migração para as matas interioranas e desconhecidas, associada à crescente necessidade de deslocamentos, teria feito com que abandonassem a agricultura e centrassem suas atividades na caça e coleta. Outra hipótese afirma que só teriam exercido a agricultura após terem sido aldeados.

Jequitinhonha, em 1809, insistiam para que se autorizasse seu deslocamento das proximidades do Quartel de São Miguel<sup>28</sup>, para evitar que suas mulheres fossem tomadas pelos soldados (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 272 -3).<sup>29</sup>

A crescente dificuldade em obter alimentos era reconhecida por DENIS (1980, p. 227), ao afirmar que sua vida habitual era de privações. As matas estavam mais carentes de produtos, reduzindo-se as possibilidades de adquirirem alimentos com a antiga facilidade. E essa realidade - as dificuldades de sobrevivência na floresta - é responsabilizada pelo fracionamento dos grupos, que, naquele momento, eram compostos por trinta ou quarenta pessoas, alojadas às margens dos grandes rios. Wied-Neuwied também associava os constantes deslocamentos ao esgotamento ou redução das fontes de alimentos e chamava atenção para o fato de as roças dos *portugueses* passarem a ser alternativas de abastecimento, sem a necessidade de abandonar os locais em que estavam arranchados. Nesse contexto, a aquisição de cães também era desejada, sendo que um dos objetivos, nos seus ataques aos quartéis, era roubá-los.

### **Relações interétnicas conflituosas**

Porém, um dos temas a que mais se referiram foram as relações conflituosas mantidas entre os vários grupos indígenas e entre esses e os colonos. Para DENIS (1980, p. 23), os *Tapuia* viviam em guerra entre si, porque não formavam uma unidade política, e isso podia ser identificado no fato de falarem mais de cem línguas diferentes. A guerra dos *Tapuia* com os *Tupi* resultaria da vocação dominante dos segundos e de sua relativa superioridade, decorrente de falarem a mesma língua, terem o mesmo sistema de governo e haverem se tornado povos agricultores e sedentários, enquanto os *Tapuia* permaneciam como caçadores nômades e não se constituíam numa unidade lingüística e política.<sup>30</sup> Como complemento explicativo para os conflitos intertribais, afirmava que as relações entre eles se calcava numa antipatia rancorosa e nas características raciais diferenciadas.

Já WIED-NEUWIED (1989, p. 310-3), atribuía os conflitos às ofensas feitas por um grupo a outro, sendo a invasão de território de caça e o de coleta, principalmente quando os frutos estavam maduros, uma das mais graves. SAINT-HILAIRE (1975, p.

---

<sup>28</sup> Atual cidade de Jequitinhonha em Minas Gerais.

<sup>29</sup> SAINT-HILAIRE, A. *Viagem pelas Províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975.

<sup>30</sup> Essas observações de Denis são extremamente representativas do caráter eurocêntrico das análises dos viajantes sobre as populações indígenas, por reproduzirem a visão do Estado-Nação como constituindo na Europa.

272-7), destaca também a questão do seqüestro e venda de crianças indígenas e a atividade de pombeiro, exercida por alguns grupos, como uma das razões para os combates e guerras entre as várias tribos.

Ora, se forem consideradas essas afirmativas, entende-se porque, no início do século XIX, ocorreu o acirramento dos conflitos entre as várias tribos que viviam entre o rio de Contas e o Doce. Os deslocamentos constantes dos grupos que se recusavam à convivência com os colonos implicavam a invasão dos referidos territórios de caça e na competição pelos alimentos. A captura das crianças, além de ser uma técnica de combate às tribos inimigas, era, ainda, uma nova modalidade de estabelecimento de alianças com os colonos. Pelas duas razões e por acirrar o conflito, essa atividade era incentivada pelos interessados em “desinfetar os sertões”.

Também registra a tendência à cisão dos grupos Botocudos, o que ele explica pela razão aparente: violentos conflitos entre marido e mulher, ignorando que essa cisão é uma tendência comum a todos os grupos predominantemente caçadores e coletores. E essa tendência pode ser explicada pelo aumento da tensão social sempre que se tornava difícil obter alimentos para uma população com uma dimensão incompatível com o desenvolvimento desse modo de produção. Há também que considerar a tensão resultante da necessidade de constantes deslocamentos em busca de alimentos e de refúgio seguro.

Se for considerado que, devido à guerra que lhes era movida pelos colonos, às constantes invasões de seus territórios de caça pelos colonos e por outros grupos indígenas em fuga e à necessidade de deslocamentos constantes, a situação de tensão social deveria ser muita elevada, compreende-se os constantes conflitos domésticos a que se referem os viajantes. Para que fique clara a razão de esses conflitos redundarem em cisão, deve-se destacar que esses grupos têm sua organização social calcada no ordenamento de seus componentes em duas metades exogâmicas, o que fazia com que os conflitos entre marido e mulher fossem, na verdade, conflitos entre as duas metades, tornando a convivência, a partir de então, impossível.

WIED-NEUWIED (1989, p. 310), também destaca que os Botocudos viviam em conflito com os grupos vizinhos, beneficiando-se, nessas situações, do fato de serem mais numerosos e da sua fama de serem antropófagos. Teriam batido os *Malali*, que se refugiaram em Peçanha, em Minas Gerais, e encontrado resistência por parte dos *Makoni* no rio Doce. Lutavam com os *Pataxó* e *Maxakali* no litoral e, mais para o interior, com os *Panhames* e *Kopoxós*. A situação de inferioridade teria, na sua

concepção, motivado o estabelecimento de alianças entre esses grupos, para enfrentarem os Botocudos. Essa afirmativa é confirmada por DENIS (1980, p. 237), ao informar que vários grupos compartilhavam e disputavam os espaços ainda não conquistados entre os rios Pardo e Doce.

No que se refere aos conflitos intertribais, WIED-NEUWIED (1989, p. 311), diz que as batalhas travadas entre os índios eram acompanhadas de enorme alarido, sendo que os vencedores seriam definidos pela sua astúcia e número de flechas disponíveis. Unhas e dentes também eram utilizados no corpo a corpo. Os derrotados retiravam-se e eram perseguidos pelos vencedores, não sendo comum fazerem prisioneiros.

Entretanto, o que mais lhe chamou a atenção foi o combate ritualizado que mantinham com outras tribos e com outros grupos da mesma etnia (WIED-NEUWIED, 1989, p. 271-2). Esse combate era previamente combinado com relação a quando e onde ocorria, o que atraía grande quantidade de observadores, e seguia regras preestabelecidas. O enfrentamento dava-se com os opositores definidos, devidamente pintados nas cores preta e vermelha, posicionando-se frontalmente e provocando-se aos gritos. Espancavam-se seqüencialmente com longas varas até que era encerrada a contenda, que lhes deixava os corpos marcados por grandes inchaços e hematomas. As mulheres também participavam num corpo a corpo violento, chorando, gritando e segurando-se pelos cabelos, esmurrando-se, unhando-se e arrancando os botoques da oponente e tentando puxar-lhe as pernas e derrubá-la. Os homens não atacavam as mulheres, apenas empurravam-nas com as pontas das varas ou davam-lhes pontapés nos flancos, fazendo com que rolassem umas sobre as outras. As mulheres e crianças que estavam nas cabanas participavam gritando. O combate durava em torno de uma hora e, embora todos dessem sinais de cansaço, não deixavam de responder ao estímulo dos gritos de incentivo e desafio dos demais participantes.

Terminado o combate, a ordem se restabelecia e tudo continuava como antes, ficando o chão do local cheio de botoques e varas quebradas. WIED-NEUWIED (1989, p. 271-2) observa que, embora os arcos e as flechas fossem levados para o local, não eram usados, o que confirma o caráter diferencial desse tipo de enfrentamento.

Como a época da visita dos viajantes coincidiu com um período em que a política indigenista definida para os Botocudos era regida pela aplicação da Guerra Justa, os conflitos e os combates entre índios e colonos também eram motivo de análises demoradas.

WIED-NEUWIED (1989, p. 311- 3), afirma que os índios, que denomina genericamente de Botocudos, viviam relações diferentes com os colonos naquele momento. Para exemplificar, cita a diferença entre o trecho mineiro e o baiano do rio Jequitinhonha, destacando que em Minas Gerais as relações eram de conflito aberto enquanto na Bahia prevaleceria a negociação e o trato pacífico. Porém, o próprio autor admite que mesmo ao se considerar o domínio mineiro ou baiano não havia uniformidade. Assim, em determinados trechos do referido rio, as relações variavam de grupo a grupo.

DENIS (1980, p. 233-5), afirmava que a decretação de Guerra Justa era apenas uma das formas e não a mais odiosa de combatê-los, pois, anteriormente, eram usadas outras táticas como a construção de armadilhas nas trilhas por onde circulavam e a distribuição de roupas contaminadas por varíola. Uma dessas armadilhas foi descrita por WIED-NEUWIED (1989, p. 170-1), na região do rio São Mateus. Um proprietário de roças, irritado com os constantes assaltos dos índios, carregou um canhão já em desuso com chumbo velho e ferro, adaptou-o ao gatilho de uma espingarda e colocou-o numa picada estreita que os índios costumavam usar para ter acesso às roças. Atravessou um pedaço de madeira na picada, ligando-o a um barbante que amarrava o gatilho. Os índios ao pisarem a madeira, detonaram o canhão. Trinta índios ficaram mortos ou mutilados e todos diziam que seus gritos eram horríveis, inclusive dos assustados sobreviventes fugitivos, que não mais retornaram à fazenda. Embora essas práticas não fossem adotadas como política governamental, tudo indica que eram bastante comuns.

Segundo WIED-NEUWIED (1989, p.312-3) e SAINT-HILAIRE (1975, p.183-5), a caça aos Botocudos, embora as táticas fossem as mesmas, independentemente do grupo a que se refiram, era feita por equipes volantes nas matas. A maior parte dos soldados era constituída de índios aldeados, considerados como muito eficientes devido ao ódio sempre alimentado contra os Botocudos, particularmente com a veiculação de notícias acerca da prática de antropofagia e de seu caráter traiçoeiro e violento. O líder do deslocamento, aliás, era sempre um índio definido como “civilizado”.

Uma parte da tropa usava gibões de algodão, acolchoados do pescoço até os joelhos, com golas altas para proteger o pescoço e mangas curtas, sendo bastante incômodos com o calor da região. O fato de serem feitos de algodão tornava-os mais duráveis. O gibão não conseguia evitar pequenos ferimentos e nem evitar fortes impactos. Os soldados são descritos como sendo carentes de tudo e apresentarem



uma fisionomia amarela e anêmica, que atestava a insalubridade do local em que viviam e a carência de alimentação regular e adequada. Viviam de farinha de mandioca e do que conseguissem caçar.

Os Botocudos protegiam suas habitações, geralmente localizadas junto a um córrego, numa depressão, com cerca feita com pequenas estacas de bambu. Também era comum amarrarem cães e porco-do-mato às árvores que cercavam o acampamento. Esses animais, quando farejavam algo estranho, latiam e grunhiam, despertando os índios.

Quando ocorria algum ataque dos Botocudos, as tropas de conquista esperavam passar três ou quatro dias para procurar seu acampamento, geralmente delatado pelo barulho das crianças. As armas usadas pelos soldados eram pólvora, chumbo e facão. Recebiam uma mochila com alimentos, o que lhes garantia a mobilidade nas matas. Descoberta a trilha, seguiam-na até alcançar o acampamento e cercavam-no de preferência à noite, o que, além do aspecto da surpresa, contava com o pavor que esses povos tinham à noite, período em que os espíritos fugiam dos ossos dos cadáveres.

Quando amanhecia, os soldados posicionavam-se dois a dois atrás dos troncos das árvores grossas, até que pudessem fazer boa pontaria. Se conseguissem alcançar as habitações dos indígenas, disparavam sobre seus adormecidos moradores sem que esses tivessem tempo de reagir sendo grande o número de índios mortos pois :

*...A crueldade dos soldados nesses ataques excede a tudo quanto se possa imaginar. No ataque dirigido a Linhares, pouco antes da minha chegada, prendeu-se uma mulher, que não queria se entregar, defendendo-se por meio de dentadas e aranhões; um soldado abriu-lhe o crânio com um golpe de facão, tão violento, que chegou a ferir a cabeça do menino que ela trazia às costas. A criança foi, ainda assim, poupada, e podemos-la ver depois na colônia supramencionada, em casa do tenente João Felipe Calmon ... (SAINT-HILAIRE, 1975, p. 183)*

O velho naturalista, também destacou que, após terem matado a maioria dos índios, os demais membros da expedição atacavam-nos com as armas que dispusessem. Após o cerco, o resultado era a morte da maioria dos homens e aprisionamento das mulheres e crianças. Os homens capturados recusavam-se a falar e a comer, terminando por morrer.

Noutro trecho de suas observações, SAINT-HILAIRE (1974, p. 111-2), também se mostrou horrorizado com a forma cruel como os soldados tratavam os índios surpreendidos dormindo em seus abrigos. Cita, como exemplo, um ataque feito a uma aldeia dos *Puri*, nas proximidades de Viana, em 1817, quando homens e mulheres haviam sido mortos a facadas, sendo poupadas as crianças que foram distribuídas entre os participantes da expedição. Já segundo o relato do Alferes Cardoso da Rosa, comandante do Quartel de Linhares e da 1º Divisão Militar do Espírito Santo a WIED-NEUWIED (1989, p. 154), nem sempre as crianças eram poupadas. Comprova sua afirmativa ao relatar a guerra cruenta que se seguiu à destruição do antigo Quartel de Coutins pelos índios, após terem se acostumado com os disparos do canhão que ali existia. Aliás, a primeira providência adotada pelos atacantes fora encher de pedras a arma de maneira a inutilizá-la. A dos governantes fora incrementar a **Guerra Justa** e fortalecer os Destacamentos e Quartéis existentes no vale do rio Doce. Nesses combates que se seguiram nem as crianças da mais tenra idade foram poupadas porque eram consideradas como futuros antropófagos e traiçoeiros.

Entretanto, nem sempre o sucesso era alcançado pelos soldados, particularmente em períodos de chuva, durante os quais as armas de fogo não funcionavam. Cita como exemplo um dos ataques dos soldados aos Botocudos nas proximidades de Linhares em outubro de 1816. Porém, apesar dessa avaliação, segundo o próprio WIED-NEUWIED (1989, p. 154), nessa ocasião, três soldados haviam sido feridos nos braços e nas mãos e dez índios foram mortos. O que se pode inferir de sua narrativa é que o insucesso do empreendimento deveu-se ao fato de muitos Botocudos terem escapado.

Os troféus obtidos pelos soldados - arcos, flechas, instrumentos e orelhas dos mortos - eram enviados aos Governadores das Capitanias.

O insucesso dos soldados nos seus ataques ocorria também quando os índios percebiam sua aproximação. Nessas situações, escondiam-se em locais, geralmente atrás dos troncos e galhos das árvores, o que lhes permitia atirar suas flechas em todas as direções sem serem vistos. Essa tática era chamada pelos soldados de *tocaias* e, na sua interpretação :

*...não costumam os selvagens combater em campo aberto, faltando-lhes verdadeiramente a coragem, pelo que suas vitórias são obtidas exclusivamente á custa da astúcia ou da superioridade numérica. Causa horror o simples pensamento de cair nas mãos*

*desses implacáveis bárbaros a quem uma justa e ilimitada sede de vingança torna ainda mais terríveis. Eles fazem em tiras a carne de seus inimigos, cozinham-na em sua panela, ou assam-na; espetam-lhe depois, com grande festa, as cabeças em estacas, em torno das quais dançam e gritam. Os ossos, depois de chupados, seriam pendurados em suas cabanas, como narra também Barrère, a respeito dos Índios da Guiana ...*

O insucesso dos soldados, ou sua desistência em enfrentar grupos considerados grandes, fazia com que os moradores das localidades abandonassem suas residências e roças. Freyreiss, ao encontrar-se com Wied-Neuwied no Morro das Araras<sup>31</sup> noticiou um recente ataque dos Botocudos nas proximidades do Quartel de Aguiar e da Lagoa dos Índios no Espírito Santo. Nessa ocasião, teriam matado e devorado três soldados. Fora organizada uma entrada em Linhares com cerca de trinta e oito pessoas para combatê-los, porém devido à grande quantidade de índios - só numa das "tocaías" haveria quarenta guerreiros -, optaram por se retirar sem combater-los. Como consequência, ocorrera uma fuga em massa dos moradores de Linhares, deixando a fazenda de Luís Felipe Calmon sem proteção. O guarda-mor da vila fugiu para São Mateus, e o comandante de Porto do Souza desertara com seis soldados (WIED-NEUWIED, 1989, p. 201-2).

Nesse clima adverso, os índios desenvolviam suas estratégias de defesa. WIED-NEUWIED (1989, p. 313), destaca que o fato de eles não se unirem para enfrentar o inimigo comum reduzia a eficácia de suas táticas, apesar da fragilidade dos europeus decorrente da baixa densidade demográfica. Outra desvantagem era a preocupação em carregarem seus mortos e feridos após o combate, o que fazia com que sua fuga se tornasse lenta e fossem facilmente alcançados. Porém, se forem consideradas as crenças religiosas desse grupo, entende-se que o abandono de seus mortos implicava não poderem alimentar adequadamente suas almas, o que era encarado como uma ameaça equivalente à perseguição dos soldados de conquista. Uma das poucas vantagens que os índios dispunham, na sua opinião, era o fato de alguns deles terem vivido entre os brancos e conhecerem suas táticas de guerra.

---

<sup>31</sup> Morro das Araras era a denominação atribuída a uma região montanhosa do vale do Mucuri entre os rios Santa Clara e Gameleira, afluentes da margem direita do rio Mucuri. A localidade ficava nas proximidade dos limites entre a Bahia e Minas Gerais, entre as atuais cidades de Santa Clara e Ibiranhém.

WIED-NEUWIED (1989, p. 154), ao fazer uma avaliação geral do ambiente social na região de conflitos e da opinião depreciativa dos soldados e dos colonos sobre os índios, dizia:

*... essa opinião deprimente para a dignidade da natureza humana foi levada muito longe, e a incorrigibilidade desse povo provém tanto da maneira como foram tratados, quanto da rudeza nativa, prova-o exuberantemente o benéfico resultado da conduta humana e moderada do Governador Conde dos Arcos, na Capitania da Bahia, para com os Botocudos residentes à margem do rio Grande de Belmonte...*

Como se constata, a questão da Guerra Justa era associada de forma íntima a da antropofagia, tema também analisado pelos viajantes, tendo sido sempre associada à questão dos hábitos alimentares ou atos de vingança, o que demonstra que, em nenhum momento, a possível existência dessa prática foi associada a rituais.

DENIS (1980, p. 44-7), acreditava na existência de índios antropófagos no Brasil, mas afirmava que os *Tapuia* não eram os únicos povos do mundo a praticar a antropofagia, citando um povo da Guiana, um na Ásia, outro em Sumatra e os Batas, que sacrificariam os velhos.

WIED-NEUWIED (1989, p. 313-5, 322), adotou uma posição dúbia com relação à existência ou não da prática da antropofagia entre os Botocudos, ou restringindo-a às zonas em que viviam em conflito com os colonos. Seus informantes - colonos, soldados e Quek - eram fontes que, por razões distintas, afirmavam a existência da prática da antropofagia. Os primeiros, porque a antropofagia já fazia parte do seu imaginário e por não compreenderem as práticas culturais indígenas, particularmente no tocante aos hábitos alimentares, o que fazia com que interpretassem equivocadamente determinadas ações, como o esquartejamento dos corpos, sua cremação, e o hábito de levarem as pernas dos soldados mortos em seus ataques.<sup>32</sup> O próprio WIED-NEUWIED (1989, p. 313-5, 322), considerava que a preferência alimentar pelos macacos, a grande quantidade de esqueletos desses animais nas matas e sua semelhança com os dos humanos seriam as causas da crença dos portugueses na prática da antropofagia. Porém não descarta a possibilidade de o

---

<sup>32</sup> Ao que tudo indica, essas práticas estavam associadas a rituais funerários voltados para evitar que o morto retornasse sob a forma de onça - *kuparak* - e atacasse os membros da aldeia. Na concepção desses grupos, as almas dos mortos deveriam ser alimentadas e os túmulos iluminados até que a sétima alma abandonasse o corpo. Quando não era possível, o recomendado era o esquartejamento e/ou cremação do corpo.

serem, e também da confusão que os índios faziam ao equiparar os negros aos macacos, inclusive chamando-os de macacos do chão.

Com relação a *Quek* e a outros informantes indígenas, particularmente os que chama de “mansos” e que viviam no Jequitinhonha, constata-se que a acusação de antropófagos era atribuída aos grupos inimigos, fossem ou não Botocudos. Pode-se interpretar tal postura pela introjeção do terror que era veiculado pelos colonos junto aos índios aldeados, através de constantes informações acerca dessa prática alimentar, como forma de exercer maior controle sobre essas populações e, assim, mantê-las dominadas e aldeadas. É possível também entender essa postura como uma tentativa de os aldeados marcarem, perante os colonos, a diferença entre si e os chamados selvagens, numa estratégia para obterem maiores benefícios na relação estabelecida. Com relação à primeira hipótese, o próprio DENIS (1980, p. 232), aventa essa possibilidade, ao dizer que a divulgação dessas narrativas acerca da antropofagia decorreria da necessidade de os colonos manterem o clima de terror contra os Botocudos e, assim, justificar as ações repressivas aos seus assaltos às roças.

Para constatar essas afirmativas, será usado o relato de *Quek* ao seu protetor e observar-se-á dois aspectos iniciais extremamente relevantes: o praticante da antropofagia era o filho do chefe indígena mais odiado do Jequitinhonha - *Jonué/Janoé Jakiiian/ Jarian/ iakiiam*. Se for comparado seu relato com as descrições de Lery<sup>33</sup> e Staden<sup>34</sup> sobre o ritual antropofágico entre os *Tupinambá*, constata-se que as semelhanças são tão grandes, que só se pode concluir que *Quek* aprendeu com os colonos como se praticaria a antropofagia ou Wied-Neuwied usou os dados relativos aos *Tupinambá* e informações acerca dos *Munduruku*, imputando-os ao seu informante. Essa hipótese é reforçada pelo fato de ele descrever a mumificação de cabeças entre os índios do leste brasileiro e até apresentar uma na de número 17 no seu livro, quando se sabe que essa prática nunca existiu entre esses grupos e que a cabeça mumificada desenhada era dos índios *Munduruku*.

## Conclusão

Pode-se afirmar que, apesar dos esforços empreendidos, as obras dos viajantes encontravam limitações decorrentes dos seus parcos conhecimentos tanto no campo das ciências naturais como no das humanidades. Nesse sentido, as

---

<sup>33</sup> LERY, J. *Viagem à terra do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. p. 303

<sup>34</sup> STADEN, H. *Dois viagens ao Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1974.

qualidades e limitações de suas reflexões não podem, simplesmente, ser atribuídas às qualidades pessoais dos autores.

Além das limitações, como a de dependerem de informantes, já que não falavam a língua dos povos que analisavam, outros entraves podem ser identificados em suas produções. Um deles é o estágio de desenvolvimento da ciência naquele momento e a vinculação direta ou indireta dos autores à ideologia dominante, com suas conseqüentes distorções da realidade descrita a partir dos interesses econômicos das classes dominantes em investir com segurança no Novo Mundo.

Suas análises das populações indígenas que viviam no Brasil têm que ser avaliadas levando-se em consideração alguns aspectos fundamentais acerca do sistema de valores e crenças dos autores. Nesse sentido, alguns pontos são marcantes. Um deles era a crescente consciência da especificidade do mundo americano, do diferente ritmo de sua história e de um ordenamento social que seguia leis próprias, além dos já referidos valores iluministas que os fazem perceber o mundo americano autóctone como inevitavelmente destinado ao desaparecimento, fosse pela extinção física ou pela destruição das suas formas tradicionais de organização social (DUCHET, 1975, p. 178, 196).

Sua etnografia acerca dessas populações não possui unidade nem é suficientemente articulada inclusive porque a preocupação central dos viajantes não era a obtenção de dados etnográficos, mas a de cunho naturalista, geográfico ou histórico. As informações etnográficas são marginais e distribuídas de forma assistemática, ordenadas geograficamente e não por etnias. Embora essa característica não implique a redução da qualidade dos dados obtidos, sua dispersão dificulta o trabalho do pesquisador atual, inclusive quanto à tentativa de formulação de um quadro sociologicamente ordenado da sociedade que descrevem.

Apesar dessas questões, não há como desconsiderar a relevância das observações produzidas pelos viajantes naturalistas para o conhecimento da realidade indígena no século XIX.